

DO EMPREENDEDORISMO
À LIDERANÇA



O AVANÇO ESTRATÉGICO DAS MULHERES EM VENDAS

▶▶ Leia na página 8

Do hype à disciplina: para onde vai o dinheiro da tecnologia em 2026?

A euforia que marcou os investimentos em tecnologia nos últimos anos, impulsionada principalmente pela ascensão da inteligência artificial, dá lugar em 2026 a um cenário mais seletivo e orientado por resultados.

O capital continua disponível, mas já não tolera promessas vagas nem modelos de negócio sustentados apenas por crescimento acelerado. A consolidação da IA agêntica, um modelo capaz de tomar decisões e executar fluxos complexos de forma autônoma, redefiniu o patamar de exigência sobre empresas e investidores. Nesse novo contexto, o dinheiro migra da experimentação para a infraestrutura, da narrativa para a entrega, e encontra no setor público um terreno fértil para retornos consistentes.

Atualmente, os investidores passaram a priorizar empresas que demonstram crescimento eficiente, combinando expansão de receita com disciplina financeira. Modelos tradicionais de SaaS enfrentam revisões de valuation diante do risco de disrupção por agentes de IA, enquanto startups nativas em inteligência artificial atraem aportes relevantes ao provar capacidade de escalar receita rapidamente. Mais do que inovação, o mercado exige impacto mensurável. O foco deixa de ser o produto em si e passa a ser o valor entregue, seja em redução de custos, aumento de produtividade ou geração direta de receita.

É nesse ambiente que as Govtechs ganham relevância. O setor público reúne características que dialogam diretamente com as novas exigências do capital. A demanda por tecnologia é contínua e não depende de ciclos econômicos curtos. Há um estoque histórico de ineficiências operacionais e sistemas legados que precisam ser modernizados. Ao mesmo



Diogo Catão

“o fluxo de investimentos em tecnologia deixa claro que inovação, por si só, já não é suficiente. O capital procura eficiência comprovada, capacidade de execução e impacto real.

tempo, cresce a pressão por digitalização, transparência e melhoria na prestação de serviços. Esse conjunto cria uma equação rara no mercado atual, com menor risco de demanda e maior previsibilidade de receita, sustentada por contratos de longo prazo e baixo índice de cancelamento.

A transformação também passa pela forma como os governos contratam tecnologia. A lógica de aquisição evolui de soluções isoladas para modelos baseados em resultado. Em vez de comprar sistemas, o setor público passa a demandar eficiência operacional, confiabilidade e impacto econômico mensurável. Esse movimento aproxima o mercado de Govtechs de uma dinâmica orientada a desempenho, na qual fornecedores são avaliados pela capacidade de resolver problemas estruturais e não apenas por oferecer funcionalidades.

Do ponto de vista de valuation, o mercado atravessa um momento de maior cautela. Enquanto áreas mais expostas ao ciclo de inovação enfrentam volatilidade, as Govtechs apresentam maior estabilidade, sustentadas por receitas recorrentes e barreiras de entrada elevadas. Ainda que tais fatores não configurem, necessariamente, barreiras técnicas intransponíveis, a percepção de elevada exigência regulatória, complexidade de integração e necessidade de credibilidade institucional desestimula a entrada de novos players e aumenta o custo de substituição. Esse conjunto de fatores torna o segmento menos suscetível a oscilações de curto prazo e mais alinhado a estratégias de investimento de longo prazo.

O que historicamente foi visto como obstáculo, como ciclos de venda prolongados, dependência de licitações e ambientes tecnológicos fragmentados, passa a ser reinterpretado como vantagem competitiva. A dificuldade de entrada cria um nível de proteção raro em outros segmentos da tecnologia. Em um cenário de capital mais caro, mercados com barreiras estruturais e previsibilidade de receita tornam-se mais atraentes, especialmente para investidores que buscam reduzir risco sem abrir mão de crescimento.

Em 2026, o fluxo de investimentos em tecnologia deixa claro que inovação, por si só, já não é suficiente. O capital procura eficiência comprovada, capacidade de execução e impacto real. Nesse contexto, as Govtechs se posicionam como um dos poucos segmentos capazes de combinar demanda resiliente, necessidade estrutural e espaço para transformação. O dinheiro não desapareceu, apenas mudou de critério. E, cada vez mais, ele segue para onde a tecnologia consegue entregar resultado concreto.

(Fonte: Diogo Catão é CEO da Dome Ventures, uma Venture Builder GovTech que tem o propósito de transformar o futuro das instituições públicas no Brasil – e-mail: domeventures@nbpress.com.br).

NR-1 e saúde mental nas organizações: por que comunidades são parte da solução

A saúde mental no trabalho deixou de ser um tema periférico para se tornar uma responsabilidade clara das organizações; agora também sob o olhar regulatório. ▶▶

O futuro do setor elétrico será decidido por algoritmos e deep techs

Durante décadas, falar de energia significava falar de usinas, linhas de transmissão, subestações, torres, cabos e obras de infraestrutura pesada. ▶▶

AI First se consolida como abordagem competitiva para empresas de tecnologia

Com o avanço da IA generativa e da agentização, companhias que não reorganizarem seus produtos e processos tendem a perder competitividade. ▶▶

Clientes não buscam mais no Google, eles perguntam para a IA

As empresas começaram a perceber uma mudança silenciosa e decisiva no comportamento de busca na internet. Agora em vez de clicar, o consumidor pergunta para a Inteligência Artificial. E quem não se adapta simplesmente deixa de ser considerado nos resultados de busca. O marketing digital não é mais só estar bem posicionado no Google ou nas redes sociais. ▶▶

Para informações sobre o

MERCADO FINANCEIRO

faça a leitura do QR Code com seu celular

Negócios em Pauta

Bolsa de Ação Climática e USP firmam parceria

A B4, primeira Bolsa de Ação Climática do país, acaba de anunciar uma parceria estratégica com a RCGI-USP Carbon Registry, registradora de créditos de carbono da Universidade de São Paulo (USP). O acordo estabelece uma nova camada técnica no padrão de acreditação dos ativos da B4, consolidando critérios científicos, metodológicos e de mensuração de impacto rigorosos para o mercado de ativos sustentáveis. Diferente das metodologias internacionais, a RCGI-USP Carbon Registry foca em soluções adaptadas à realidade brasileira. As métricas incorporam as especificidades da Amazônia, Cerrado, Caatinga, Pantanal e Mata Atlântica, além das cadeias industriais nacionais — aspectos frequentemente pouco contemplados em padrões globais. A abrangência do projeto é massiva: alcança uma área de ocorrência de 100 milhões de hectares distribuídos em 14 estados brasileiros, com uma produção anual estimada em 250 milhões de toneladas. A operação cobre o Nordeste (Maranhão, Piauí, Ceará e Bahia), o Norte (Tocantins, Pará, Amapá, Roraima, Amazonas, Acre e Rondônia) e o Centro-Oeste (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás). ▶▶ Leia a coluna completa na página 3

News@TI

ICMC tem inscrições abertas para minicurso sobre computação forense

@Tem interesse em entender como a tecnologia pode ser uma poderosa aliada na solução de crimes? Então não perca essa oportunidade: o Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC) da USP, em São Carlos, está com inscrições abertas para o minicurso gratuito Introdução à Computação Forense e à Perícia Computacional. Destinada a alunos da USP, especialmente aqueles interessados em computação, segurança e perícia computacional, a atividade acontecerá no dia 17 de abril, das 18 às 21 horas, no Auditório Fernão Stella de Rodrigues Germano. No encontro, os participantes terão a oportunidade de conhecer conceitos fundamentais da área, compreender como evidências digitais são analisadas e explorar aplicações práticas da computação forense no contexto da perícia criminal. As inscrições seguem abertas até o dia 16 de abril, pelo formulário (https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdBzJ76be3_jkt-BaW0pKfyXD_0yNrAhRyx97FY3q3DFNo4jQ/viewform). ▶▶ Leia a coluna completa na página 2

A Mente do Cliente

Civilidade não é respeito

Neiva Mendes

▶▶ Leia na página 7

A Outra Sala

Meninas não estão mais frágeis. Estão mais expostas.

Ana Luísa Winckler

▶▶ Leia na página 4